

MEMÓRIA, EDUCAÇÃO E CIÊNCIA: ORDEM E PROGRESSO NAS IDEIAS POSITIVISTAS LIBERAIS E CONSERVADORAS NO BRASIL

MEMORY, EDUCATION, AND SCIENCE: ORDER AND PROGRESS IN POSITIVIST AND CONSERVATIVE POSITIVIST IDEAS IN BRAZIL

Lívia Diana Rocha Magalhães¹

Wilson da Silva Santos²

RESUMO: Este trabalho procura destacar que as pedagogias novas, forjadas na primeira metade do século XX, se apoiam nas ideias positivistas de que, na escola, todos seriam versados de maneira objetiva e justa a partir das potencialidades de cada um, ou melhor, com sua capacidade de apreender as ciências necessárias ao mundo moderno. Essa tese foi se constituindo como uma convicção insofismável na memória social, e tem sido recuperada pelo Estado Brasileiro de acordo com conjunturas específicas. Baseada em critério de utilidade, tal tese tenta adequar currículos e indivíduos nos processos formativos para o desenvolvimento moral, científico e tecnológico. O que aludimos, neste artigo, é que, possivelmente, a pedagogia afirmativa da educação científica e democrática liberal, sistematizada no Brasil, principalmente por Anísio Teixeira, com base em Dewey, tem sido retomado, atualmente, com maior ou menor profundidade, não necessariamente para sustentar as premissas por ele propostas, mas sobretudo para auxiliar no uso da ordem e progresso de uma sociedade baseada em uma organização do conhecimento científico neutro, racional e meritocrático. Nesse sentido, nos parece que é fundamental uma revisita ao pensamento de Anísio Teixeira, com o intuito de ser observado quais são as suas ideias de base escolanovista acerca da ciência, escola e democracia.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Ciência; Anísio Teixeira.

ABSTRACT: This work tries to emphasize that the new pedagogies, forged in the first half of the twentieth century, are based on the positivist ideas that, in the school, everyone would be versed in an objective and just way from the potentialities of each one, or rather, with their capacity to grasp the sciences



Vol. 13 Número Especial

Jul/Dez. 2017

Ahead of Print

¹Doutora em Educação pela Unicamp. Professora Plena do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas e do Programa de Pós-Graduação em Linguagem, Memória e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

²Doutor em Filosofia e História da Educação pela Unicamp. Professor Adjunto do Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

necessary to the modern world. This thesis was becoming an unshakable conviction in the social memory, and has been recovered by the Brazilian State according to specific conjunctures. Based on utility criterion, such a thesis attempts to adapt curriculum and individuals in the formative processes for moral, scientific and technological development. What we allude in this article is that, possibly, the affirmative pedagogy of liberal scientific and democratic education, systematized in Brazil, mainly by Anísio Teixeira, based on Dewey, has now been taken up with greater or lesser depth, not necessarily to support the premises proposed by him, but above all to aid in the use of the order and progress of a society based on a neutral, rational and meritocratic scientific knowledge organization. In this sense, it seems to us that a revision to Anísio Teixeira's thinking is fundamental, in order to be able to observe what his ideas are based on Escolanovista about science, school and democracy.

KEYWORDS: Education; Science; Anísio Teixeira.

Introdução

A construção de uma memória social positivista e liberal, baseada na crença teleológica na ciência e na educação capaz de levar em consideração as diferenças individuais e as características escolares regionais da sua “clientela” educacional, sustentou os discursos de vertentes pedagógicas consideradas modernas, novas, entre os séculos XIX e início do século XX. Poderíamos dizer, sucintamente, e, portanto, com certo cuidado, que correntes pedagógicas progressistas do conhecimento especializado passam a ser parâmetros considerados capazes de contribuir com o desenvolvimento da sociedade e precisam ser apartidários, como forma de manter a neutralidade social. As reformas pedagógicas modernas, de caráter liberal, redirecionam essas preleções positivistas com base na ideia segundo a qual a ciência e a educação democráticas se tornariam meios eficazes para o progresso científico e social. Desenvolveram argumentos em torno da evolução da consciência racional e harmônica por meio, principalmente, da escola, como uma instituição capaz de possibilitar a convivência entre convicções cristãs, empirismo, meritocracia e controle dos conflitos individuais e sociais.

No Brasil, desde os anos de 1930, os discursos pedagógicos liberais apregoavam que a nação poderia prever seu progresso por meio de reformas curriculares da educação básica, cujas inovações e adaptações taxonômicas seriam capazes de estruturar competências de acordo com a articulação entre vocações científicas e a mundo produtivo. Assim, de certo modo, a pedagogia positiva e liberal, falando em termos gerais, construiria uma memória social de que a escola visa formação do indivíduo e sua relação com as exigências da sociedade do conhecimento.

A defesa liberal do respeito às individualidades, às particularidades e às escolhas dos mais jovens, em processo formativos, por meio da motivação para um aprendizado de áreas úteis à produção material, estabelece uma memória social de que a escola, por si, seria uma, quiçá, a única instituição que criaria possibilidades para o desenvolvimento de uma ordem social meritocrática, sem classes.

Queremos destacar que as pedagogias novas, forjadas na primeira metade do século XX, se apoiam nas ideias positivistas de que, na escola, todos seriam versados de maneira objetiva e justa a partir das potencialidades de cada um, ou melhor, com sua capacidade de apreender as ciências necessárias ao mundo moderno. Essa tese foi se constituindo como uma convicção insofismável na memória social, e tem sido recuperada pelo Estado Brasileiro de acordo com conjunturas específicas. Baseada em critério de utilidade, tal tese tenta adequar currículos e indivíduos nos processos formativos para o desenvolvimento moral, científico e tecnológico.

A essa altura do século XXI, no Brasil, é retomado o pragmatismo educacional,

cientificista, adequando pedagogias liberais democráticas com a pedagogia de caráter conservador e autoritário. A suposta neutralidade passa a ser o ideal perseguido pela escola, e o acesso a linguagens científicas como uma condição funcional para delimitar as funções e expectativas educacionais daqueles que estão mais propensos às mudanças e exigências tecnológicas, os mais jovens. Contudo, a construção desse processo não inclui, necessariamente, o debate social e pedagógico político. Nesse arcabouço ideológico conservador, a discussão da posição das disciplinas e das áreas do conhecimento no currículo é uma questão que deve ser tratada por especialistas, *expertises* da economia e da educação, pois se trata de uma questão de governo e não da sociedade.

É inevitável tentar situar como essa visão de educação e ciência é pensada e incorporada na atual conjuntura do Brasil, do ponto de vista das teorias positivistas liberais conservadoras, da racionalidade científica, como uma solução para atenuar e mediar os conflitos, principalmente referente à formação dos jovens.

O que aludimos, neste artigo, é que, possivelmente, a pedagogia afirmativa da educação científica e democrática liberal, sistematizada no Brasil, principalmente por Anísio Teixeira, com base em Dewey, tem sido retomado, atualmente, com maior ou menor profundidade, não necessariamente para sustentar as premissas por ele propostas, mas sobretudo para auxiliar no uso da ordem e progresso de uma sociedade baseada em uma organização do conhecimento científico neutro, racional e meritocrático.

Nesse sentido, nos parece que é fundamental uma revisita ao pensamento de Anísio Teixeira, com o intuito de ser observado quais são as suas ideias de base escolanovista acerca da ciência, escola e democracia.

Ciência, Escola e Democracia em Anísio Teixeira

A sociedade moderna, impregnada na visão de Anísio Teixeira, tem uma capacidade instrumento de fazer ciência com seus desvendamentos de leis do mundo físico e humano; uma sociedade que domina a natureza e alarga as possibilidades humanas por métodos científicos. Anísio Teixeira depositou uma confiança insofismável no fazer científico cujos pilares observação e experimentação, já consolidados nas ciências duras – física, química, geologia –, são a referência singular para a investigação em outras áreas, como a educação, a política, a moral. A crença na prática científica, em sociedades chamadas modernas, dá-se por gozar de uma credibilidade comprobatória das causas fenomênicas. Daí, para Anísio Teixeira, o caráter científico assegura uma confiança na construção de um conhecimento verdadeiro que se sustenta em hipóteses e experimentação para obter uma expansão qualitativa da estrutura social.

Esta civilização, sustentada na experimentação científica e, por conseguinte, pelo movimento de contínua reconstrução, deixa, nesse processo, algumas tendências e valores gerais que apontam para a evolução da sociedade. A primeira tendência, para Anísio Teixeira, é que o método experimental reivindicou a eficácia do pensamento humano. “O ato da fé do homem moderno esclarecido não repousa nas conclusões da ciência, repousa no método científico. [...] Graças a êsse método, se está construindo a civilização progressiva [...] Graças a êle, ganhou-se o governo da natureza e dos elementos a fim de ordená-los para o maior benefício do homem” (TEIXEIRA, 1968, p. 31). A segunda é o industrialismo, filho da ciência e de sua aplicação prática à vida. “A indústria está tornando possível a completa exploração dos recursos materiais do planeta. [...] Graças à máquina, não somente o homem multiplicou o rendimento do trabalho – na América, o trabalho atual de um homem equivale ao de 40 homens fisicamente válidos” (ibid., p. 33). A terceira grande tendência é o regime liberal democrático. O liberalismo é uma forma de organização societal em que “cada indivíduo conta como uma pessoa”. O respeito pela personalidade humana é a idéia mais profunda

dessa grande corrente moderna” (op. cit., p. 35). Daí, exige-se do sujeito mais liberdade para expressão máxima de seus valores. Anísio Teixeira acredita que a democracia liberal é “a que mais de longe se filia à ciência”. Com a democracia liberal, se depreendem dois elementos importantes para a educação: o homem deve ser uma individualidade e também cooperativo para o bem social.

Estas passagens são um exemplo da influência do pensamento filosófico e liberal de Dewey no obra de Anísio Teixeira. Dewey elenca três ideias proeminentes que, para ele, sintetizam a fé liberal:

crença nas conclusões da inteligência como a força finalmente dirigente na vida; na liberdade de pensamento e de expressão como uma condição necessária para compreender-se esse poder de direção pelo pensamento, e no caráter experimental da vida e do pensamento. Essas três idéias afirmam a essência de um tipo de fé liberal que, ao meu ver, é o único destino a perdurar (DEWEY, 1929 apud LESSA, 1960, p.127).

No artigo em que Anísio Teixeira visa estabelecer as condições de organização e funcionamento de um sistema democrático de educação no Brasil, que suprime o sistema de educação dual, ele coloca como o grande denominador comum desse sistema de educação democrática o método científico, “considerado como o método de pensar à luz das consequências, generalizado para a conduta de atividades de natureza prática ou de natureza teórica” (TEIXEIRA, entre 1947 e 1971, p. 29). O sistema educacional que exemplifica uma formação embasada no método científico é o dos Estados Unidos, “como uma imensa experiência no campo da reconstrução educacional, em face dos ideais democráticos [liberais] e do progresso científico moderno” (TEIXEIRA, entre 1947 e 1971, p. 29). O credo de Anísio Teixeira pela educação e, por conseguinte, pela formação de cunho científico se faz tão patente a ponto de não ter dúvida de que o aspecto fundamental da democracia liberal está fundado na “crença de que os problemas humanos são solúveis pela educação, isto é, pela cooperação voluntária, mobilizada pela opinião pública esclarecida. Está claro que essa opinião pública tem de ser formada à luz dos melhores conhecimentos existentes e, portanto, a pesquisa científica nos campos das ciências naturais e das chamadas ciências sociais” (ibid., p. 30). Assim como Dewey, Anísio Teixeira postulava que as inteligências científicas favoreceriam a democracia criativa, que as diferenças sociais seriam ordenadas pela capacidade intelectual.

Na obra *Educação para a democracia*, Anísio Teixeira assinala a relação umbilical entre educação e regime democrático liberal na qual a “democracia sem educação e educação sem liberdade são antinomias em teoria que desfecham, na prática, em fracassos inevitáveis”. Conclui o capítulo com uma afirmação sobre a função da universidade: “Dedicadas à cultura e à liberdade, as Universidades estão sob o signo sagrado, que as fez trabalhar e lutar por um mundo de amanhã, fiel às grandes tradições liberais da humanidade.” (TEIXEIRA, 1953, p. 37-108).

Essa formação humana, que a democracia liberal exige, faz com que o homem permanentemente tenha novos hábitos de adaptabilidade e ajustamento e, com isso, “não pode ser formado pela maneira estática da escola tradicional que desconhecia o maior fato da vida contemporânea: a progressão geométrica com que a vida está a mudar, desde que se abriu o ciclo da aplicação da ciência à vida”. Os motivos pelos quais Anísio Teixeira reivindica uma escola nova ou progressiva se devem ao fato de que a instituição escolar “é o retrato da sociedade a que serve. A escola tradicional representava a sociedade que está em vias de desaparecer” (TEIXEIRA, 1968, p. 36-37).

Na estrutura de ordem e progresso social, a experiência que produz conhecimento busca adaptação, seleção e estabilidade “precária”, razão pela qual sociedade e indivíduo estão em constante reciprocidade e em permanente reconstrução moral, ética,

política e econômica. Transforma-se a sociedade em seus aspectos econômicos e sociais devido ao desenvolvimento da ciência, e por ela se transforma a escola, “instituição fundamental que lhe serve, ao mesmo tempo, de base para sua estabilidade, como ponto de apoio para a sua projeção” (TEIXEIRA, 1968, p. 27). Só assim, a escola corresponde às expectativas de ser uma instituição que oferece às crianças hábitos morais e sociais para se adaptarem e se ajustarem à ordem social que a democracia liberal proporciona (ibid., p. 39).

Portanto, Anísio Teixeira considera que o regime político e social do processo civilizatório moderno, a democracia liberal, conta cada indivíduo absolutamente como uma pessoa. A escola deve dispor de uma ética social em que a criança adquira independência e direção, que lhe possibilite conviver com o outro a partir do princípio da tolerância e pluralidade, sem, contudo, tolher a sua individualidade. As diretrizes da educação escolar e os elementos de sua técnica devem percorrer os mesmos lampejos “da filosofia individualista que varreu da sociedade restrições religiosas espirituais e políticas opostas à liberdade dos homens. Considerai, dizia Kant, toda a pessoa como um fim em si mesma e nunca como um meio. Esse velho princípio caracteriza uma das diretrizes mais essenciais do movimento de reconstrução escolar” (ibid., p. 53). A escola, para este fim, deve ajudar crianças e jovens, em uma sociedade liberal em transformação, a resolver de forma livre os seus dilemas morais e humanos para sua estabilidade e ajustamento.

No prefácio do livro *Vida e educação* (1973), que reúne dois ensaios de Dewey, Anísio Teixeira destaca dois conceitos deweyanos que são centrais para balizar e ponderar os métodos e medidas organizatórias dessa escola brasileira, a saber: sociedade e experiência. Urgem algumas considerações teóricas que o pensador baiano sintetizou a partir deles.

Anísio Teixeira retoma de Dewey a ideia de sociedade segundo a qual a vida se perpetua e se adapta pela educação. O fisiologismo da sociedade é nutrido pela educação. Parece que o funcionalismo de Dewey levou Anísio Teixeira a perceber a importância da comunicação enquanto mecanismo de reprodução e transmissão de valores, hábitos, costumes, ideias e crenças de uma geração para outra. Com a ausência desse dispositivo, a sociedade sucumbe ou fica em sua estagnação a ponto de voltar ao seu estado de primitivismo (TEIXEIRA, 1973). A exasperação de que a comunicação é transmissora de um *ethos* societal possui um ingrediente a mais: não só atua como transmissora de uma concepção de mundo, mormente a sua existência é a própria educação que garante a perpetuação e o aprimoramento da vida social. O indivíduo que recebe e transmite comunicação sofre uma transformação pela sua capacidade própria de formar experiências. Essa sintonia entre Anísio Teixeira e Dewey está marcada em várias passagens da obra *Democracia e educação* (DEWEY, 1979b).

Anísio Teixeira distingue em Dewey três aspectos essenciais para que a escola exerça tal influência externa sobre os seus membros. Primeiro, a escola tem a função de simplificar um ambiente em que a criança possa conhecer e experimentar situações mais elementares até chegar às mais complexas; ela – a escola – deve refletir a sociedade, em suas multifacetadas manifestações da arte, ciência, etc., de maneira que absorva a complexidade dessa civilização em práticas pedagógicas simplificadas. “A escola deve simplificar esse ambiente complexo para que a criança gradualmente lhe venha conhecer os segredos e nele participar” (TEIXEIRA, 1973, p. 24). Segundo, o espaço organizacional da prática escolar deve ser o máximo possível imune a qualquer impureza produzida pela sociedade; que seja expurgado todo elemento maléfico das relações sociais que contamine a formação da criança; “escola não visa a perpetuar na sociedade os seus defeitos” (ibid., p. 24). Por fim, a instituição escolar deve propiciar arranjos de integração social em que a harmonia lida com os conflitos e eleva o cultivo da tolerância religiosa, moral, social e intelectual. A escola, como meio social, deve ser “a casa da confraternização de todas essas influências, coordenando-as, harmonizando-as, consolidando-as para a formação de inteligências claras, tolerantes e

compreensivas” (TEIXEIRA, 1973, p. 25).

Esse controle social, que se faz entre educação institucionalizada e experiência, habilita a continuidade e a reconstrução de uma sociedade cujos valores sedimentados pelos adultos sejam os mesmos entre as crianças. Tanto em Dewey como em Anísio Teixeira, a função da linguagem é central para a criança participar das experiências passadas e presentes. Para Dewey,

A educação intencional significa, segundo já vimos, um ambiente especialmente escolhido tendo-se em vista, para essa escolha, materiais e métodos apropriados a incentivar o crescimento na direção desejada. Desde que a linguagem representa as condições físicas que sofreram a máxima transformação no interesse da vida social – coisas físicas que perderam sua qualidade originária tornando-se instrumentos sociais – é natural que a linguagem represente grande papel, comparado ao dos outros recursos. Por meio dela, em caráter de substitutos, conseguimos participar largamente da passada experiência humana, dilatando e enriquecendo assim a experiência do presente. Achamo-nos habilitados, simbólica e imaginativamente, a antecipar situações. Por infinitos meios a linguagem condensa significações que registram resultados sociais e pressagiam perspectivas sociais. De tal arte ela importa em uma liberal participação em tudo o que é de valor na vida, que iletrados e não educados passaram quase a ser duas expressões sinônimas (DEWEY, 1979b, p. 41).

Em Anísio Teixeira, educação e sociedade são vistos como dois processos da vida humana, que se influenciam e se transformam em um perpétuo vir-a-ser inamente à natureza evolucionar. Um processo de transformação “em cujo desenvolvimento os fins imediatos se transmudam logo em meios, e os novos fins, em meios novos, numa identidade só verbalmente contraditória, mas realmente perfeita de uns e outros” (ibid., p. 84-85). Este pressuposto relacional entre meios e fins, de acordo com Anísio Teixeira, busca dar mobilidade e continuidade de ação e reação recíprocas; uma continuidade constante de processos que asseguram uniformidades da estrutura societal, que sedimentam os valores gerais da realidade. A sociedade é uma unidade dotada de flexibilidade para mudar e adaptar-se; mesmo assim conserva elementos primários da morfologia societal anterior.

Neste permanente modo de combinações capazes de reproduzir novas combinações, a educação se processa como meio consciente de readaptação por experiências. As relações e conexões do conhecimento habilitam o homem a ter mais controle e direção de mais experiências. Tal procedimento contínuo de reorganização e reconstrução da experiência é individual e pessoal, antes de ser social. Anísio Teixeira destaca esse fenômeno como ato

eminente individual em sua origem e em seu processo. Sucede mesmo que o indivíduo só é verdadeiramente individual quando, nessa reconstrução da experiência, obedece a métodos e planos que lhe são próprios. [...] O exercício da inteligência, que compete ao homem no quadro da harmonia natural, é, de tal maneira, eminentemente individual e pessoal, tão pessoal e individual quanto a digestão dos alimentos que ingere ou a circulação do sangue que o nutre. Ninguém pode pensar por ele, ou por ele experimentar, ou educar-se por ele. Tais processos são personalíssimos e tudo quanto se pode fazer é sugerir, dirigir e corrigir (op. cit., p. 91-92).

A experiência da educação como foi descrita por Anísio Teixeira é um sistema conjugado de instrumentos, fórmulas e que objetiva no ambiente, ou no meio social, traduzido em instituições, que o indivíduo se adapte “como se adapta ao clima e à terra, ainda e sempre por um processo de educação, isto é, de reconstrução das próprias experiências” (TEIXEIRA, 1968, p. 92). Nessa explicação de cunho mais funcionalista, advindo da psicologia funcionalista de Dewey, Anísio Teixeira não separa indivíduo e sociedade, pois ambos agem em condições harmônicas com forças de retroalimentação. Para tanto, são as

instituições o ápice das experiências humanas em decorrência da formação da inteligência. Cabe aqui uma citação mais extensa para compreender essa análise de Anísio Teixeira abalizada em Dewey.

O chamado idealismo objetivo – característico da filosofia germânica – era, talvez, de todos esses artifícios, o que andasse mais próximo da realidade. Considerando as instituições como encarnações da razão absoluta, tal filosofia criou um objetivo para adesão da inteligência, que se afirmaria à proporção que se identificasse com as instituições. Com efeito, as instituições são resultados da experiência humana, que permitem o livre desenvolvimento das tendências e interesses do homem, podendo, por isto, ser consideradas como encarnações ou emanções, não da razão ou inteligência absoluta, mas da razão ou inteligência relativa e humana. A inteligência tem, realmente, na sua adaptação às instituições a forma normal e regular do seu desenvolvimento. E isso pressentiu Hegel e o pressentiu toda a filosofia germânica. [...] O pensamento humano se processa pelos instrumentos de linguagem, hábitos, costumes e instituições, todos eminentemente sociais. Há e deve haver liberdade de exame e inquérito individual, para a conservação das instituições. [...] No jôgo da liberdade de exame, com a tendência social à conformidade, os conflitos serão tanto menos prejudiciais e tanto mais úteis, quanto predominar, na sociedade, o desejo de experiência e progresso. [...] Tais considerações tornam preciso e certo o caráter da educação como fenômeno social. Assim como a inteligência, em sua ação no meio físico, sofre as limitações desse meio, sendo tão somente o instrumento da sua contínua reconstrução, do mesmo modo a inteligência, em sua ação no meio social, sofre as idênticas limitações, não podendo fugir ao esforço de contínua reorganização desse outro meio. Toda distinção reside nos processos de raciocínio e reflexão utilizados em um e outro caso, porque se em relação às ciências físicas já aceitamos, definitivamente, o método experimental, vacilamos ainda em aceitá-lo integralmente nas ciências chamadas sociais ou morais (ibid., p. 95-97).

Neste sentido, para utilizar a própria metáfora de Dewey, a sociedade é um grande laboratório em que há ensaios com métodos e experiências de reorganização material, social e moral. Segundo Anísio Teixeira, a grande transformação da vida moral e social far-se-á na medida em que os conhecimentos experimentais que têm as ciências físicas e biológicas como referência forem dados da mesma forma para uma “ciência moral”, uma “moral experimental baseada nas conclusões de uma ciência do homem” (TEIXEIRA, 1968, 108-109).

A título de conclusão

A defesa intelectual do positivismo liberal moderno de Anísio Teixeira parece ser incorporada pelo liberalismo conservador, na atual conjuntura brasileira, naquilo que o interessa: a internalização da ideia que a ciência cria o padrão de educação que deve ser desenvolvido numa sociedade, unindo conhecimento e vocações.

A apresentação de reformas, principalmente na educação para aprendizagem de linguagens do conhecimento científico e tecnológico, deve ser concebida como uma questão de planejamento curricular e da escola para projetar e regular o acesso ao desenvolvimento científico exigido pela produção moderna no Brasil nos últimos decênios, como uma condição precípua para a transmissão do conhecimento, particularmente para os jovens entre 15 e 18 anos. São retomadas as proposições de uma escola atinada com a produção moderna, por meio de um “novo currículo” forjado por especialistas, que determinam os pressupostos do que deve ser “inovador” na escola de ensino médio, por exemplo. Nesse sentido, as linguagens tecnológicas são um padrão exigido pela sociedade como solução de problemas estruturais, atenuados pela “neutralidade científica”, objetiva, condicionada por linguagens que correspondam com os avanços da tecnologia. Uma reforma pensada para relacionar trabalho e educação, desenvolvendo ações para evocar as memórias sociais de

uma suposta autonomia individual, vocacional e sua possível relação com os princípios técnicos e científicos da sociedade hodierna.

As contradições e conflitos de uma sociedade de classe altamente excludente, produzidos concretamente na realidade educacional, são subsumidos na exegese de uma memória ideológica de reformar para progredir e produzir esperanças cujo objetivo é mudar uma dada situação social, educacional.

É interessante como a “convicção na formação para a ciência”, agora para a “tecnologia”, se concentra mais no seu significado individual, de “vocação” para uma área ou outra, do que na construção das bases materiais e sociais para o desenvolvimento do conhecimento. Há o uso da expressiva relação da linguagem que situa jovem, tecnologia e profissionalização, como elementos distintos e constitutivos naturais e neutros de uma mesma realidade, que situam o governo e suas reformas como líderes progressistas que procuram soluções para a sociedade, para os jovens, para a escola.

As bases materiais e sociais da reforma escolar e política são circunscritas num estilo normativo e supressivo que consideram reivindicações como um perigo e de discussões teórico-políticas acumuladas na área como desnecessárias. Esse estilo de modernização conservadora se baseia nas tradições da força e do controle ideológico da regulamentação da ordem e do progresso.

Notas

³Memória Social, nos termos de Halbwachs, constitui-se como uma memória amparada em valores, normas, condicionamentos materiais e morais postulados por uma sociedade. Uma memória construída e determinada socialmente. (HALBWACHS, 1994, 2006).

⁴TEIXEIRA, Anísio. Artigo incompleto sobre as condições de organização e funcionamento de um sistema democrático de educação no Brasil. Papel timbrado do Ministério da Educação e Cultura. Rio de Janeiro. Data entre 1947 e 1971. Arquivo Anísio Teixeira. FGV – CPDOC.

⁵TEIXEIRA, Anísio. Educação para a democracia. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1953.

⁶TEIXEIRA, Anísio. A pedagogia de Dewey (Prefácio). In: DEWEY, John. Vida e educação. 8. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1973.

REFERÊNCIAS

DURKHEIM, Émile. **Las formas elementales de la vida religiosa**. Buenos Aires: Schapire, 1968.

DURKHEIM, Émile. **A ciência social e ação**. São Paulo: DIFEL, 1975.

GERIBELLO, Wanda Pompeu. **Anísio Teixeira: análise e sistematização de sua obra**. São Paulo: Atlas, 1977.

LESSA, Gustavo. O pensamento liberal na obra de Anísio Teixeira. In.: ABREU, Jayme; FREIRE, Gilberto et. al. **Anísio Teixeira: pensamento e ação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960.

LIMA, Hermes. **Anísio Teixeira: estadista da educação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

MARTINS, Joel. Apresentação. In.: GERIBELLO, Wanda Pompeu. **Anísio Teixeira: análise e sistematização de sua obra**. São Paulo: Atlas, 1977.

HALBWACHS, M. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Paris: Albin Michel, 1994. (Original publicado em 1925)

_____. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

TEIXEIRA, Anísio. **Artigo “A inteligência no conceito educacional”**. Datado entre 1928 e 1935. FGV-CPDOC. Arquivo Anísio Teixeira. (Artigo).

TEIXEIRA, Anísio. **Por que escola nova?** Boletim da Associação Bahiana de educação. Salvador: Livraria e Tipografia do comércio, 1930. Pags. 2 - 30. (Artigo)

TEIXEIRA, Anísio. **Artigo incompleto sobre as condições de organização e funcionamento de um sistema democrático de educação no Brasil.** Papel timbrado do Ministério da Educação e Cultura. Rio de Janeiro. Data entre 1947 e 1971. Arquivo Anísio Teixeira. FGV – CPDOC. (Artigo).

TEIXEIRA, Anísio. **Texto que discute as contribuições da filosofia de John Dewey para a pesquisa científica.** Rio de Janeiro, data entre 1952 e 1964a. Arquivo Anísio Teixeira. FGV – CPDOC. (Artigo).

TEIXEIRA, Anísio. **Conferência pronunciada na Escola Superior de Guerra sobre a situação educacional brasileira.** Rio de Janeiro. Data entre 1952 e 1964b. FGV-CPDOC. Arquivo Anísio Teixeira.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação para a democracia.** 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1953.

TEIXEIRA, Anísio. **Correspondência entre Anísio Teixeira e José Reis.** Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1954. FGV-CPDOC. Arquivo Anísio Teixeira. (Correspondência).

TEIXEIRA, Anísio. **Carta entre Anísio Teixeira e Gustavo Lessa acerca do livro deste.** Rio de Janeiro, 26 de dezembro 1960. Arquivo: Anísio Teixeira. FGV – CPDOC. (Correspondência).

TEIXEIRA, Anísio. **Pequena introdução à filosofia da educação** (A Escola Progressista ou A Transformação da Escola), 5 ed. São Paulo: Editora Nacional, 1968. (Livro).

TEIXEIRA, Anísio. A pedagogia de Dewey (Prefácio). In: DEWEY, **John. Vida e educação.** 8. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1973. (Livro).

TEIXEIRA, Anísio. **Educação no Brasil.** 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: INL, 1976.

Recebido em: 19/04/ 2017

Aprovado em: 27/09/2017